
RATIO FORMATIONIS ORDINIS FRATRUM MINORUM CAPUCCINORUM

CAPÍTULO III

***As etapas formativas em perspectiva
franciscano-capuchinha***

A formação para a vida consagrada é um itinerário de discipulado guiado pelo Espírito Santo, que conduz progressivamente a assimilar os sentimentos de Jesus, Filho do Pai, e a configurar-se com sua forma de vida obediente, pobre e casta (Const. 23,1).

- Guia de Leitura -

1. Sentido do capítulo III

A palavra *iniciação* ocupa o lugar central neste terceiro capítulo. O primeiro capítulo pretende fundamentar carismaticamente as dimensões que se apresentam no segundo. Neste momento, cabe-nos introduzir, de forma processual e iniciática, estas dimensões em todas e em cada uma das etapas que configuram nosso itinerário formativo.

Uma vez mais, recordamos aos irmãos que o que se apresenta aqui são apenas os princípios gerais, que devem ser aceitos em todas as áreas geográficas da Ordem. Mais adiante, segundo um protocolo de sequência que vamos elaborando, caberá a cada Circunscrição pôr em prática seus próprios projetos formativos à luz destes princípios gerais aceitos por todos.

2. Estilo, estrutura e metodologia

Acertar o estilo do texto não é uma tarefa fácil. Uma *Ratio Formationis* para toda a Ordem não pode abusar da linguagem normativa; por isso, intencionalmente, quisemos manter uma certa tensão entre a norma, a exortação, a proposta e o desejo, para que, desta maneira, respeite-se a tensão natural entre as propostas gerais de uma *Ratio* e as propostas concretas de um *projeto formativo*.

Em cada etapa formativa, apresentam-se os seguintes elementos: **a natureza** de cada etapa, **os objetivos** a alcançar – marcados por um forte acento cristológico –, **as dimensões** que apresenta – com um enfoque especial ao *proprium* franciscano –, **os tempos** específicos e **os critérios** que se devem adotar. Pareceu-nos oportuno incorporar alguns temas de particular interesse, por diversos motivos: **o trabalho**, em sintonia com as preocupações de nossa Ordem expressas no VIII CPO; **a economia** almejada pelo aprendizado de habilidades que nos permitam uma gestão transparente e fraterna do dinheiro; **a justiça, paz e ecologia**, seguindo as recomendações do Papa Francisco em sua Encíclica *Laudato Si'*, bem como as indicações do recente manual de JPIC de nossa Ordem; **as novas tecnologias de informação e comunicação**, relacionadas com a maior parte das mudanças antropológicas que estão se produzindo em nosso mundo.

Nossa intenção é partir da práxis concreta. O texto que agora colocamos em suas mãos é um esboço, fruto da reflexão compartilhada nos dois últimos conselhos internacionais da formação. No CIF de 2016, quatro de nossos irmãos, pertencentes a

diversos contextos culturais, trataram de iluminar, a partir da própria experiência, as diversas etapas formativas (Fr. Sergio Dal Moro, A formação permanente; Fr. Carmine Ranieri, o postulado; Fr. Próspero Arciniégas, o noviciado; Fr. Gaudence Aikaruwa, o pós-noviciado). Naquela ocasião, após uma escuta atenta de todas as nossas discussões, Fr. Mariosvaldo Florentino nos ofereceu a redação de um primeiro texto, que serviu de novo objeto de estudo e discussão durante o CIF de 2017. O esboço que segue a estas chaves de leitura ainda está incompleto em alguns temas que necessitam de maior reflexão, tais como a formação especial, a formação inicial específica e os organismos e estruturas culturais da Ordem. Especialmente nestes temas, esperamos cordialmente todas as suas considerações.

3. O que pretendemos

Interessa-nos, mais que um documento que diga o que se deve fazer, um texto que oriente e ajude a descobrir a sensibilidade e as tendências atuais no âmbito formativo, e nos dê pistas para que sejam significativas e autênticas no mundo de hoje.

Neste capítulo, abordam-se algumas urgências que requerem uma maior reflexão e um verdadeiro esforço de atualização: a configuração das fraternidades e as equipes formativas, a formação específica dos formadores, os critérios de discernimento vocacional, o clericalismo, o acompanhamento pessoal, o número adequado de formandos na fraternidade, o conhecimento sistemático de nossa espiritualidade e de nossos valores carismáticos. Somos chamados a pensar, discutir e decidir juntos.

4. Chaves de leitura

O texto pode ser lido de duas maneiras distintas, porém complementares ao mesmo tempo, especialmente a segunda parte.

Uma primeira proposta consiste em fazer uma leitura continuada das etapas, tomando como ponto de partida a formação permanente até chegar à etapa do pós-noviciado. A segunda proposta é um convite à leitura transversal dos conteúdos temáticos, isto é: escolher um tema, por exemplo, o trabalho, e verificar a processualidade com que tem sido tratado ao longo das etapas.

Convidamos todos a uma leitura fraterna, atenta, crítica e propositiva.

NB.

Com a intenção de não dificultar a leitura do texto, evitamos neste esboço as citações, fundamentos e referências bibliográficas, que serão incorporadas, obviamente, na apresentação final do texto.

I. NOSSA FORMAÇÃO: A ARTE DE APRENDER A SER FRADE MENOR

I. 1. Os novos contextos socioculturais e eclesiais

00. A construção do mundo é sempre dinâmica. As mudanças são cada vez mais complexas, velozes e profundas. Muda o que fazemos e nossa percepção do que somos: a relação com nós mesmos, com o planeta, com a vida; em ritmo vertiginoso, aparecem novos desejos e necessidades, novas formas de sensibilidade, modos de relação também novos. A Igreja e a Ordem, no âmbito da formação, sentem-se interpeladas a participar ativa, crítica e criativamente neste processo de transformação pessoal, social, cultural e religiosa.

01. A cultura se caracteriza, hoje mais do que nunca, pelo pluralismo antropológico e pelos desafios da tecnologia e do mundo digital (*ciberantropologia*). Estar conectados à internet permanentemente influi em nossa maneira de pensar, de recordar e de nos comunicarmos, e isso afeta o modo de compreender a liberdade, bem como a capacidade de reflexão, a gestão do tempo e os modos de expressar nossa intimidade (*relações afetivas líquidas*). A tecnologia, que oferece múltiplas possibilidades positivas, requer também um exame atento: é preciso definir nossa relação com ela se não quisermos perder a liberdade.

02. Neste contexto de mudanças, parece que a inteligência, pouco a pouco, está se desligando da consciência, assim como a vontade se afasta do desejo. Prevalece o emocional sobre o racional; o subjetivismo autorreferencial frente ao valor das relações, a competência frente à colaboração. Privilegia-se a dimensão individual e se fragmenta e se enfraquece a identidade coletiva e o sentido de pertença; contudo, ao mesmo tempo, percebem-se também valores como o respeito às leis, a solidariedade, o compromisso social e o crescente interesse pelo meio ambiente.

03. Apesar de que as mudanças parecem se impor, ainda podemos escolher a luz com a qual iluminar quem somos realmente, com quais elementos queremos construir nossa identidade, como reler nossa história e como orientar nosso futuro. A chave nos é oferecida pelas intuições do Evangelho: apostar na cultura do encontro e das relações autênticas; recuperar o valor do humano frente ao consumismo; sair da imobilidade e do tédio existencial para descobrir, na itinerância, um caminho que fortaleça a autoestima, consolide a segurança pessoal e favoreça a abertura cultural e o diálogo com os outros; criar espaços de reflexão através da surpresa e da admiração, que estimulem a sensibilidade até a experiência religiosa e o transcendente. Crer é belo, gera esperança e dá sentido à vida.

04. Precisamos de um novo modelo de desenvolvimento social mais justo e equitativo, que responda às necessidades básicas e aos direitos universais: saúde, educação, vida digna, água potável, ar puro, fontes de energia renováveis. Em nossos dias, ainda são possíveis a paz, o fim da pobreza e a superação da desigualdade. É nossa responsabilidade estabelecer um mundo sem fronteiras, mais respeitoso para com a diversidade, mais seguro e sustentável, no qual a prioridade seja a promoção da justiça social e global.

I. 2. Continuar construindo hoje a nossa identidade franciscano-capuchinha

05. A identidade de Deus reside na relação de amor livre e gratuita entre as Pessoas divinas. Deus não é um ser fechado em si mesmo. Em Jesus, todos fomos chamados a fazer parte desta Família, a ser filhos no Filho; por isso, a vocação humana consiste em reconhecer a presença deste amor livre e gratuito em nossa história pessoal, e assumir a responsabilidade de construir nossa própria identidade em relação com Deus, deixando-nos introduzir em seu mistério de amor.

06. Cristo, nosso modelo antropológico, iniciou sua vida pública depois de uma experiência de silêncio e deserto. O discernimento e a purificação de suas motivações levam-no a se identificar, processualmente, com a vontade salvífica do Pai. Jamais só, sempre com seus discípulos, e por meio de gestos e palavras, proclamou a Boa Nova: o amor gratuito e incondicional de Deus e sua consequência imediata: a fraternidade inclusiva e universal. Sua entrega e fidelidade o levaram a uma morte na cruz, com a qual expressou seu amor livre e gratuito a Deus e a nós. O Pai o ressuscitou, confirmando com ele o projeto do Reino, que, através do Espírito Santo, continua vivo dentro da Igreja.

07. Tudo começou entre os leprosos. Aí, Francisco toma consciência de que a misericórdia de Deus se estende sobre a totalidade de sua vida. Trata-se de um longo *Itinerário* que passa pela experiência de sua conversão em São Damião, repleta de perguntas, e culmina com a resposta da impressão dos estigmas no cume do Monte Alverne: desde que se encontrou com os leprosos até a conformação a Cristo pobre, ponto culminante de sua experiência espiritual. Francisco muito amou a Cristo, conheceu-o bem e o seguiu de perto; e esta é a sua melhor herança.

08. À luz de nossa tradição capuchinha, de nossas Constituições e dos últimos documentos da Ordem, existe uma consciência clara entre os frades de que os valores centrais de nossa identidade são os seguintes: a vida fraterna em minoridade; a oração, especialmente contemplativa; o cuidado e a celebração da criação; a leitura atenta da Palavra; a presença e o serviço entre os pobres e os que sofrem. As implicações que estes valores trazem são: a busca do essencial, a simplicidade de vida, o cultivo do amor, a itinerância e a disponibilidade total. Estes valores devem ser assumidos por cada irmão e cada fraternidade com *fidelidade criativa*, e encontrar expressões apropriadas nas diversas culturas aonde nossa Ordem for chamada a ser testemunha alegre do Evangelho através de uma sã e rica pluralidade. Viver diariamente estes valores e transmiti-los integralmente e com paixão de uma geração a outra é hoje um dos maiores desafios.

I. 3. A iniciação: caminho processual de personalização de nossa vida capuchinha

09. Desde 1968, nossas Constituições estabelecem que a formação à nossa vida deve se realizar como um processo de iniciação em analogia com a iniciação cristã dos primeiros séculos. Esta *grande intuição da Ordem* necessita ser *bem compreendida e suficientemente aprofundada*, para que possa *ser posta em prática fiel e criativamente*.

10. O processo de iniciação à vida franciscana capuchinha é um caminho de crescimento dinâmico, personalizado, gradual, integral e contínuo que, embora mais

intenso nos primeiros anos, dura toda a vida. O objetivo é acompanhar e ajudar o candidato para que, a partir de sua vida concreta, com os meios formativos adequados, possa viver um autêntico caminho de conversão, tornando-se um genuíno discípulo de Jesus, no estilo de Francisco, com os elementos próprios da tradição capuchinha, para que, livre e radicalmente, entregue-se totalmente ao serviço do Reino de Deus.

11. A iniciação à nossa vida exige a separação progressiva daqueles elementos da forma de vida anterior que não se encaixam com os nossos valores, bem como a assimilação de novos valores e a inserção em nossa Ordem. Portanto, o acento principal reside na transmissão e na aprendizagem progressiva dos valores e das atitudes fundamentais da vida franciscano-capuchinha: aprender a escutar com o coração a Palavra que seduz; olhar a vida com novos olhos e descobrir, em cada pessoa, a presença de um irmão; aprofundar-se no aprendizado do seguimento de Jesus, até chegar a ter, através de um caminho de conformação a Ele, seus mesmos sentimentos; enfim, descobrir a alegria de seguir Jesus sendo um frade menor.

12. O processo de iniciação prevê momentos dedicados à transmissão dos conteúdos de uma sólida formação em relação aos fundamentos antropológicos, cristãos e franciscanos de nossos valores carismáticos, junto com experiências devidamente preparadas e avaliadas, que auxiliem uma assimilação mais profunda de tais valores. O processo prevê a combinação de experiências cotidianas com outras experiências concretas e exigentes que durem um determinado período de tempo: diversos serviços fraternos, trabalho manual, presença em meio aos pobres, experiências missionárias, silêncio e contemplação, e outras possíveis atividades pastorais.

13. Por outro lado, o caminho da iniciação exige um acompanhamento personalizado, dado que o modo de acolher e integrar a proposta varia de um irmão a outro. A personalização leva especialmente em conta a formação às relações interpessoais e a aquisição de habilidades que, progressivamente, o formando incorpora à sua participação na vida fraterna. O caminho formativo é pessoal, intransferível e original, favorecendo o desdobramento das capacidades que cada irmão possui, aquilo que o torna único e irrepetível e o orienta em seu seguimento de Jesus.

II. OS PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO

II.1. A fraternidade no centro do projeto formativo

14. Os espaços de busca, escuta, diálogo e discernimento fazem da fraternidade um lugar privilegiado para o encontro com Deus e para a formação e o acompanhamento dos irmãos. A fraternidade é também, por natureza e missão, lugar de acolhida, de crescimento humano e espiritual, e de transmissão de nossos valores e experiências carismáticas. Formar-se é ir adquirindo a forma de frade menor a partir da fraternidade e na fraternidade, aprendendo a estabelecer relações horizontais, vivendo com o essencial, descobrindo a alegria profunda do seguimento e anunciando o Evangelho com o testemunho da própria vida.

15. *O Senhor me deu irmãos* (Test 14). A fraternidade não é uma ideia de Francisco, mas uma iniciativa de Deus mesmo, para que sigamos juntos os passos de Nosso

Senhor Jesus Cristo. Formamo-nos em fraternidade, compartilhando as experiências da vida. Ninguém se forma sozinho, nem pode ser indiferente à formação: se não se forma, deforma-se.

16. A vida religiosa, como já afirmamos, fundamenta sua identidade no Mistério da Trindade, e se define como *Confessio Trinitatis*. Inserida no coração da Igreja universal, é chamada a ser *signum fraternitatis* e perita em comunhão. O Espírito Santo, fonte e doador por excelência dos diferentes carismas, concedeu-nos o dom da *minoridade*, para que, vivendo uma vida simples e sem ânsias de poder em nossas fraternidades locais, sejamos criadores e curadores de autênticas relações humanas dentro da *Casa Comum*, anunciando a toda a humanidade a dimensão fraterna de todas as criaturas.

II. 2. O discernimento franciscano

17. *Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes* (Mt 25,40). A presença oculta de Jesus nos pobres se converte na chave central do discernimento cristão. As obras de caridade, também chamadas obras de justiça e solidariedade, junto com as Bem-aventuranças (Mt 5, 1-13), estabelecem os critérios de pertença ao Reino dos Céus: a pobreza de espírito, a alegria, a misericórdia, a construção da paz, a autenticidade do coração, a incompreensão e a perseguição.

18. *Quem sois vós e quem sou eu?* Francisco entende sua vida como uma resposta ao dom do Senhor. No tempo de sua conversão, compõe uma oração que o acompanhará por toda a vida: Ó glorioso Deus altíssimo. A Deus, que é Luz, pede fé para ser guiado, esperança para ser sustentado nas dificuldades e amor para não excluir ninguém. Deus o guia pessoalmente até as ruínas da capela de São Damião, onde Cristo vive em meio aos leprosos. Francisco encontra lá a resposta a suas primeiras crises e o auxílio para continuar caminhando.

19. O discernimento franciscano exige sensibilidade e capacidade de busca, tanto em nível pessoal como comunitário. Não decidimos nada sozinhos, sempre com os irmãos. A atitude de escuta, especialmente da Palavra de Deus, é fundamental para poder responder ao que Deus realmente espera de cada um de nós neste momento concreto de nossas vidas. As áreas fundamentais do discernimento em chave franciscana, além da Sagrada Escritura e das fontes carismáticas, são a vida fraterna, onde verificamos a capacidade para estabelecer relações humanas maduras, livres e gratuitas; a contemplação, onde purificamos nossas imagens de Deus com a experiência do Deus de Jesus; e a minoridade, onde pomos à prova nossa capacidade de comprometer a própria vida com a vida dos que sofrem e os menores de nosso mundo.

20. É preciso purificar a autenticidade das próprias motivações vocacionais em um ambiente de sã eclesialidade, que nos ajude a proteger a própria liberdade espiritual frente à ameaça do intimismo ou do individualismo. Ser livre significa não depender da opinião dos outros, ter um bom nível de segurança interior, não se apropriar das pessoas nem das coisas, ser capazes de integrar a solidão e abrir-se para compartilhar tanto as coisas materiais como as espirituais.

21. São Francisco, em sua Carta a um Ministro – evangelho franciscano da misericórdia –, convida-nos a viver, sempre com a ajuda do Espírito do Senhor, em constante atitude de discernimento. O amor radical, critério de excelência, manifesta-se quando consideramos como uma *graça* qualquer situação de dificuldade, e fazemos dela fonte de conhecimento pessoal; quando renunciamos ao perfeccionismo e *não queremos que os outros sejam melhores cristãos*, isto é, renunciamos em fazer o outro à nossa própria imagem e semelhança; quando distinguimos entre a ermida (lugar de fuga que alimenta o individualismo e a autossuficiência) e o eremitério (lugar de encontro com Deus no silêncio, que nutre o sentido das relações fraternas). Isto só é possível se nossos olhos, contemplando os olhos do Misericordioso, se encherem de misericórdia, para que nenhum irmão se afaste de nós, e possamos, com nosso olhar, atrair todos ao Senhor.

II. 3. O acompanhamento franciscano

22. Jesus, o Bom Pastor, tem uma relação pessoal e afetiva com cada um de nós. Ele nos conhece pelo nome, protege a nossa liberdade e nos oferece uma vida plena de sentido. É Ele quem toma a iniciativa e nos convida a confiar e a segui-lo. Caminhando diante de nós, não somente nos indica o caminho, mas Ele mesmo se faz Caminho e acompanhante na viagem da vida.

23. A Palavra de Deus é sempre a primeira referência no processo de acompanhamento. Escutando-a em fraternidade, aprendemos a ler em chave de graça a nossa história pessoal e comunitária: experiências, sonhos e desejos; fracassos e dificuldades; são situações nas quais a vida de Cristo Jesus se apresenta como chave de interpretação de toda a nossa proposta formativa.

24. A Carta de São Francisco a Frei Leão contém as chaves essenciais do acompanhamento franciscano: o caminho se converte em lugar de encontro, onde Francisco se coloca no mesmo nível que Leão, falando de sua própria experiência; acompanha-o com ternura materna, deixa-o em total liberdade e o convida a descobrir, com criatividade e responsabilidade, seu próprio caminho. Francisco não exige perfeição, exorta à corresponsabilidade, valoriza o positivo, evita o sentimento de culpa, mostra a direção e ajuda o irmão Leão em seu constante desejo de viver segundo a forma de vida do Santo Evangelho.

25. Para Francisco, o critério do acompanhamento consiste, por um lado, em não extinguir o espírito de oração e devoção, e, por outro, em atrair o irmão ao Senhor por meio da misericórdia e do amor. Acolhe com respeito e sem medo de corrigir e admoestar, porém, afastando energicamente os irmãos cujas motivações nada têm a ver com o Espírito do Evangelho.

26. Cada ser humano é sujeito de sua própria história e responsável por suas próprias decisões, e é chamado a construir-se em liberdade e abertura aos demais. A formação não é uma imposição. Precisamente, o acompanhamento tem como prioridade ajudar a crescer em liberdade, respeitando a singularidade e a realidade concreta de cada irmão. Acompanhar significa criar espaços que possibilitem a responsabilidade, a confiança e a transparência em todos os âmbitos da vida diária: a afetividade, o trabalho, o uso do dinheiro, o emprego das novas tecnologias, etc.

27. É muito oportuno criar uma cultura do acompanhamento em todos os nossos ambientes, tanto em nível pessoal como institucional. A atitude de deixar-se acompanhar se converte em um critério decisivo de discernimento, também dos formadores, que devem ter capacidade tanto para acompanhar como para ser acompanhados.

III. Os protagonistas da formação

III.1. O Espírito Santo

28. O Espírito Santo, Ministro Geral da Fraternidade, é o primeiro formador. A vida capuchinha consiste, em grande parte, em se deixar modelar e conduzir pelo Espírito, que infunde em nós os sentimentos, as emoções, os afetos e a sensibilidade de Cristo, e também o desejo de nos conformarmos a Ele, pobre e crucificado. A fraternidade nasce e cresce sob a mão misericordiosa do Espírito do Senhor, que nos estimula a buscar e discernir, sempre juntos, os caminhos que Ele quer para cada um dos irmãos e para toda a fraternidade.

29. Os formadores são uma mediação ao longo do processo formativo, e devem ter presente que a ação formativa é assunto do Espírito Santo, que mostra sempre o horizonte belo e estimulante do Evangelho. Invocar e pedir sua presença fazem parte de nosso estilo formativo.

III.2. O formando, sujeito fundamental da formação

30. Cada irmão, sob a ação do Espírito Santo, é protagonista e ator de sua formação e capaz de tomar a vida em suas próprias mãos. O processo de iniciação parte do trabalho sobre si mesmo, e isso exige abertura, esforço, diálogo sincero, reconhecimento dos próprios limites, capacidade de aceitar sugestões e criatividade. De igual modo, o princípio de formação ativa, para ser autêntico, supõe motivação e colaboração com a proposta formativa, sempre a partir da responsabilidade e da liberdade.

III. 3. A fraternidade formativa

31. No processo de iniciação, a fraternidade formativa é indispensável. É o lugar no qual experimentamos e pomos em prática as exigências dos valores recebidos, e onde aprofundamos e garantimos a nossa própria entrega. Tudo isso passa através do mundo das relações da fraternidade, que devem ser afetivas, fluídas e sãs.

32. A Província é a primeira instância formativa. A responsabilidade da formação, começando pelo Ministro Geral e pelo Ministro Provincial ou Custódio, compete a todos os irmãos. A Província inteira e cada fraternidade concreta são formadoras e têm a responsabilidade de acolher e formar em nosso estilo de vida os novos membros,

pois a responsabilidade da iniciação envolve toda a fraternidade, uma vez que a ela pertencem os candidatos (Const. 28,2).

33. As fraternidades formativas específicas se configuram em função das etapas formativas que devem acolher. Os frades chamados a constituir este tipo de fraternidade devem somar ao projeto de formação, vibrar com o carisma capuchinho e viver no dia a dia os valores e aspectos essenciais propostos na formação. É desejável a presença de algum irmão mais velho, que seja uma figura de referência significativa, com autoridade moral e coerência de vida. São também colaboradores importantes o diretor espiritual e o confessor.

34. A fraternidade avalie periodicamente cada um dos candidatos através das revisões de vida, dos capítulos locais e das avaliações ao menos semestrais, para oferecer ao mestre e aos próprios candidatos os elementos sobre os quais precisam trabalhar.

35. Para que a fraternidade formativa seja eficaz, cada circunscrição deve decidir, com responsabilidade e sinceridade, o número máximo e mínimo de frades que possam compô-la. Sugere-se, como indicação, um mínimo de três a cinco, e um máximo de doze a quinze. Só assim será possível que o acompanhamento personalizado seja, por um lado, real, e que, por outro, dê-se espaço para que surjam relações suficientemente sólidas para gerar um ambiente formativo sadio e fraterno. Somente a abertura à colaboração entre as diversas circunscrições e conferências da Ordem tornará possíveis as atualizações necessárias no âmbito formativo.

III. 4. Perfil espiritual, carismático e psicológico do formador capuchinho

36. O formador capuchinho é um irmão e acompanhante do caminho, convicto da beleza de nossa forma de vida, que vive alegre e exultante a própria vocação, compartilha a experiência de sua busca de Deus, é livre e dócil ao Espírito, evita os extremos do psicologismo e do espiritualismo, e vive aberto à Palavra.

37. Chamado a exercer uma verdadeira paternidade psicológica e espiritual, não preenche o formando, mas o acompanha nos processos de aprendizagem da liberdade e da autenticidade de vida, e sabe fazer crescer o dom único e irrepetível que Deus pôs na existência de cada formando, permitindo-o tomar *iniciativas pessoais* que fomentem a sinceridade, a criatividade e a responsabilidade.

38. O formador capuchinho, consciente de seus limites e dificuldades, é, não obstante, maduro cristão e humanamente; mostra-se capaz de integrar positivamente a própria personalidade; tem uma imagem real de si mesmo, boa autoestima e equilíbrio emocional; aceita pacificamente não ter todas as respostas e não possuir todas as capacidades; está aberto à colaboração, deixando-se completar pelas qualidades dos demais irmãos; vive sempre disposto a continuar aprendendo a ser um autêntico frade menor.

39. O formador capuchinho cria espaços de escuta e diálogo com os irmãos da fraternidade formativa e com os formandos; evita assumir a formação como um trabalho individual; sabe trabalhar em equipe e pedir ajuda; é hábil para iniciar e acompanhar processos; oferece, com realismo, as ferramentas necessárias que tornam

possível o caminho franciscano e a consolidação de nossa identidade e carisma; tem um forte sentido de pertença e é sensível às situações de pobreza e marginalidade.

III. 5. A equipe formativa

40. Os formadores, conscientes de que o Espírito do Senhor é o verdadeiro formador dos frades menores, têm como tarefa prioritária acompanhar os formandos no discernimento da autenticidade do chamado à nossa vida, e ajudar a fraternidade, especialmente na pessoa do Ministro Provincial, a avaliar as capacidades dos mesmos.

41. A formação é mais um horizonte aberto do que uma meta concreta, que exige respeito ao mistério de Deus inerente à originalidade de cada pessoa. A equipe formativa concretiza o que se pretende de cada candidato, uma vez iniciado o caminho formativo, e clarifica os objetivos e os meios para consegui-lo, tomando como ponto de partida o que já se alcançou na etapa anterior, e prepara o formando para a etapa seguinte, respeitando assim a progressividade necessária no processo.

42. A equipe formativa compartilha os mesmos critérios, evitando que exista disparidade de ação entre os formadores que o compõem; ninguém atua individualmente, mas todos trabalham em coordenação entre si e em comunhão com as distintas instâncias formativas da circunscrição: o Secretário e o Conselho de formação, o Animador da Formação Permanente e o responsável pelo cuidado da pastoral vocacional.

43. É desejável que as equipes de formação estejam compostas por formadores que vivem nossa única vocação de irmãos em suas distintas expressões: laical e clerical.

44. A formação dos formadores é uma das prioridades da Ordem. Devem-se atualizar os critérios de seleção dos formadores, oferecendo-lhes os meios necessários para melhorar e enriquecer sua formação em todas as dimensões da personalidade. A qualidade da formação, em grande parte, depende deles, dado que são os responsáveis pela transmissão dos elementos de nosso carisma com os quais os formandos constroem sua própria identidade de frades menores.

III. 6. Os pobres

45. Os pobres são nossos mestres. Graças a eles, podemos entender e viver melhor o Evangelho. Quando tocamos o Corpo de Cristo no corpo chagado dos pobres, confirmamos a comunhão sacramental recebida na Eucaristia, e o milagre de sua presença preenche a nossa vida de sentido e alegria.

46. O Senhor conduziu Francisco em meio aos leprosos, e ele não se conformou em abraçá-los, mas decidiu estar com eles. A primitiva fraternidade fez desta experiência a escola da misericórdia e da gratuidade, onde a amargura se transforma em doçura da alma e do corpo, e na qual os olhos que se detêm em Cristo Mestre são capazes de reconhecê-lo e servi-lo nos pobres.

47. A experiência do encontro com os que sofrem não se reduz ao assistencialismo. O pobre se converte em nosso verdadeiro formador quando nos arriscamos a

compreender a realidade a partir de seu ponto de vista e fazemos nossas as suas prioridades. Os frutos não se deixam esperar: o olhar se concentra no essencial; vivemos melhor com menos; as necessidades e injustiças sociais nos ajudam a viver a fé com mais coerência; a confiança e o abandono à providência nas mãos do Pai se fazem reais e se concretizam em opções de vida cada vez mais claras.

AS ETAPAS DA FORMAÇÃO EM PERSPECTIVA FRANCISCANO-CAPUCHINHA

48. Apresentam-se em continuação, apenas de modo indicativo, algumas pautas para as etapas de nosso processo formativo. É necessário passar de uma formação baseada em atividades a uma formação que promova e acompanhe processos geradores de atitudes. Por detrás da formulação da natureza, os objetivos, as dimensões e os critérios de cada etapa, há um propósito de pensar o caminho formativo de modo iniciático. A assimilação dos aspectos teóricos influirá na profundidade com a qual se vivam as experiências e, da autenticidade destas, dependerá o sucesso dos objetivos a que nos propomos. Todos os elementos estão intrinsecamente relacionados entre si.

49. O objetivo geral marca a intencionalidade que orienta todo o nosso itinerário formativo: *Todos os frades, com o auxílio de Deus Pai e iluminados pelo Espírito Santo, seguindo os passos de nosso Senhor Jesus Cristo no estilo de nossos irmãos Francisco e Clara, sejam verdadeiramente livres, com uma vida plena de relações afetivas maduras e comprometidos na construção de um mundo mais justo (CITAÇÃO?).* Livres, capazes de amar e comprometidos com a justiça. Nem mais, nem menos.

50. Para *iniciar* alguém em uma forma de vida é necessário, por sua vez, *ser iniciados*, aspecto que não se adquire de uma vez para sempre. A Formação Permanente deve estar em primeiro lugar no que se refere à nossa formação. Dado que, sabendo-se que a fraternidade, em sua totalidade, tem a missão de ser a iniciadora dos novos candidatos, é necessário garantir que tal fraternidade esteja em contínua formação, renovando-se, especialmente nos valores carismáticos, e se sinta profundamente motivada a dar continuidade à nossa forma de vida.

1. A formação permanente

51. O ícone evangélico dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) nos apresenta dois discípulos que, após a morte de Jesus, abandonam Jerusalém e se põem a caminho, recordando-nos que a vida consiste precisamente nisso: em viver, apesar do cansaço, do desânimo e da decepção. O caminhante, quando abre bem os olhos, pode descobrir, no rosto dos outros que se aproximam dele, o rosto de Jesus. É nas suas palavras onde podemos ler nossa história. Se, ao cair a noite, Ele permanece ao nosso lado, se lhe preparamos um lugar à nossa mesa, suas Palavras, tornadas Pão de Vida, alimentarão o desejo de voltar a Jerusalém, de seguir caminhando, de voltar a começar.

52. A pessoa inteira é sujeito de formação em todas as etapas de sua vida. Trata-se de se deixar formar de maneira contínua no dia a dia da vida. Estamos sempre em caminho, de forma tal que, enquanto vivemos, nunca chegamos a um destino definitivo do qual nunca mais partir. A formação permanente, como dimensão da vida e processo sempre em ato, é uma exigência intrínseca à nossa vocação.

1.1. Natureza

53. *A formação permanente é o processo de renovação pessoal e comunitária e de coerente atualização das estruturas e atividades, para nos tornar idôneos a viver constantemente nossa vocação segundo o Evangelho na realidade concreta de cada dia (Const. 41,2).*

54. Pode-se falar de dois tipos de formação permanente: a ordinária, que se concentra no cotidiano e através da qual se deve verificar a qualidade de nossa vida, e a extraordinária, que tem como objetivo acompanhar e iluminar as vivências diárias, e isso em diversos níveis: pessoal, local e provincial.

1.2. Objetivos

55. A liberdade é uma conquista que dura toda a vida. O seguimento de Jesus exige renová-la diariamente, para que a consagração a Deus e o serviço à humanidade sejam reais e credíveis. A formação permanente cria e protege espaços de liberdade, que nos permitem continuar aprendendo com a experiência e fortalecem a responsabilidade pessoal.

56. *Se não tivesse amor, eu não seria nada.* Enfim, o que conta é se alguém se deixou amar e amou. Cuidar da vida afetiva, construindo relações interpessoais autênticas, livres e profundas, e alimentar o desejo de continuar tendo os mesmos sentimentos de Cristo é o que nos garante uma vida plena de sentido.

57. Outro mundo é possível, mas não sem que contribuamos para isso. A vocação que professamos nos exige uma maior sensibilidade no âmbito da solidariedade e um compromisso mais ativo com a construção da justiça, a busca de iniciativas de paz e o respeito ao meio ambiente. Com o passar do tempo, vamos adquirindo a capacidade de contemplar o mundo com o olhar de Deus.

1.3. Dimensões

58. **Dimensão carismática**

- Intensificar a vida fraterna para que favoreça uma melhor realização de nosso projeto de viver franciscanamente o Evangelho.
- Privilegiar a escuta ativa e afetiva, como um dos elementos fortes de nosso estilo relacional carismático, a exemplo de nossos frades esmoleiros e confessores.
- Voltar o olhar à reforma capuchinha para descobrir de novo a beleza da essencialidade e da simplicidade.

59. **Dimensão espiritual**

- Manter uma relação de intimidade com Deus na vida diária, que estimule nosso modo de pensar e viver segundo a forma do Santo Evangelho.
- Cultivar uma espiritualidade que, através do silêncio interior e da escuta da Palavra, leve a descobrir Deus na realidade de cada dia.
- Rer nosso carisma franciscano a partir das urgências e desafios de nosso tempo, para acolher em nós a novidade do Espírito e colaborar para transformar

a realidade com a força do Evangelho.

60. **Dimensão humana**

- Cuidar da própria vocação, administrando com responsabilidade o tempo e a formação pessoal e comunitária.
- Encarar com criatividade os desafios que aparecem com o passar do tempo da vida, tomando consciência, em cada momento vital, dos limites e dons recebidos.
- Fortalecer os sentimentos de interdependência e comunhão, valorizando os outros irmãos e consolidando, em nossas fraternidades, espaços de encontro e de comunicação que nos permitam continuar descobrindo o sentido da vida.

61. **Dimensão intelectual**

- Consolidar um estilo franciscano de estudar, pensar e decidir juntos, compartilhando experiências e conhecimentos adquiridos que nos ajudem a crescer em fraternidade.
- Tomar nas próprias mãos a responsabilidade pela formação permanente, tanto pessoal quanto comunitária, de modo particular a dimensão bíblico-pastoral e a dimensão carismática franciscana.
- Revisar constantemente a própria cosmovisão do mundo, enriquecendo-a a partir da abertura ao diálogo fraterno e à complementariedade das diversas perspectivas atuais.

62. **Dimensão missionária-pastoral**

- Evangelizar com obras e palavras a partir do testemunho das relações fraternas. Não basta anunciar o evangelho, deve-se anunciá-lo evangelicamente.
- Colaborar nas tarefas pastorais da Igreja, respondendo às necessidades mais urgentes, sem excluir ninguém de nosso serviço apostólico.
- Tomar consciência da generatividade social e da fecundidade espiritual fruto do acompanhamento, da amizade e das sãs relações fraternas.

1.4. Meios

63. Em primeiro lugar, estão os **meios ordinários locais**, pois *a vida fraterna diária muito favorece a formação permanente*.

- A vida litúrgica vivida intensamente através do itinerário do ano litúrgico é uma excelente escola na qual nos embebermos de todos os valores cristãos e franciscanos.
- Os capítulos locais, a revisão de vida e a correção fraterna, compartilhar a mesa e as recreações, são atividades que ajudam a criar um ambiente de relações sadias e abertas.
- Os tempos de meditação e as leituras pessoais são imprescindíveis para manter aceso o desejo de se aprofundar.
- Um uso crítico e positivo, em fraternidade e pessoalmente, dos meios de comunicação social e das novas tecnologias, pode ser também de grande ajuda.

64. Do mesmo modo, existem os **meios ordinários provinciais**, como os exercícios espirituais e alguma semana de formação específica, encontros, seminários ou celebrações na circunscrição, como profissões, ordenações, jubileus, funerais.

65. Conforme as necessidades e as possibilidades, podem ser empregados **meios extraordinários**: um estudo específico, cursos de espiritualidade bíblica e franciscana, um período sabático, etc.

1.5. Tempos

66. Prestar atenção aos ciclos vitais, criando dinamismos de fidelidade, segundo a idade dos frades, a própria história vocacional e o serviço específico, para que, nas distintas etapas da vida em que se encontram, os frades possam fazer uma síntese vital renovada e encarnar, de forma nova e intensa, nosso carisma.

- Primeira idade adulta (30-55 anos). Tempo caracterizado pelo entusiasmo e pela plenitude na atividade. Momento para o aprendizado de novos modos de viver o carisma em meio às responsabilidades apostólicas, deixando-se guiar e aproveitando os recursos da fraternidade.
- A idade adulta do meio (55-75 anos). A vida se concentra na busca do essencial e, através do crescimento interior, chega-se à maturidade da vocação. Ao mesmo tempo, podem aparecer, devido aos escassos resultados pastorais, a desilusão e o cansaço, bem como fortes tendências de autossuficiência e individualismo.
- A idade adulta avançada (a partir dos 75 anos). Tempo de plenitude, no qual as experiências vividas se convertem em um dom inestimável para os demais. Tem-se a responsabilidade de transmitir com generosidade o quanto aprendido às gerações sucessivas. Os irmãos tomam consciência de se encontrarem no último ciclo vital, e devem aprender a encará-lo com esperança cristã.

1.6. Temas prioritários de formação

67. **O trabalho** é uma graça que permite nos sentirmos realizados humana e profissionalmente. Não se deve esquecer que os frades em formação permanente são testemunhas e espelhos para os frades em formação inicial, e, por esse motivo, deve-se evitar tanto o ativismo e o individualismo como a ociosidade e o desinteresse.

68. **A economia.** Deve-se favorecer, acima de tudo, a corresponsabilidade. Todos os frades devem ser conscientes de como se administram os bens, a quantidade de bens acumulados, o uso de nosso patrimônio, o dinheiro que temos e como o compartilhamos. Sem uma informação transparente, não há uma formação responsável.

69. **Justiça, paz e ecologia.** Na espiritualidade franciscana, sempre em um diálogo aberto com o mundo, encontramos orientações práticas para encarar a crise ecológica. A partir da formação permanente, devemos rever nosso estilo de vida, atentos ao consumo solidário e socialmente responsável. Pode-se viver melhor com menos. Por outro lado, em todas as nossas fraternidades e serviços ministeriais, devem-se estabelecer políticas e práticas de proteção a menores e adultos vulneráveis.

70. **Meios de comunicação e novas tecnologias.** Cada vez mais é necessário adquirir habilidades e conhecimentos que nos permitam usar adequadamente as redes sociais e conhecer melhor a cultura dos meios digitais. Colocados a serviço da

evangelização, podem nos ajudar a construir uma sociedade mais humana e inclusiva; permitem-nos comunicar e compartilhar conhecimentos e afetos, porém, não nos esqueçamos de que, às vezes, impedem tomar contato com a complexidade das experiências humanas. O vício tecnológico é um risco que não deve ser subestimado.

1.7. Cultura da avaliação

71. O exercício de avaliação pretende verificar a práxis de nossas reflexões, a força dos valores que proclamamos, as práticas da própria vida pessoal e fraterna, e também as estratégias para melhorar nossos processos de crescimento humano e espiritual.

72. Compete ao capítulo local avaliar o projeto de formação permanente da fraternidade. É aconselhável valorizar periodicamente o caminho que se está percorrendo.

73. Sugere-se que, no protocolo das visitas canônicas, o Ministro Provincial ou o Custódio acompanhe, estimule e verifique pessoalmente com cada um dos frades o projeto pessoal e comunitário de FP.

74. Poderia ser oportuno elaborar uma normativa que exija uma formação específica adequada, que se preste ao trabalho ministerial e pastoral. Quem não está disposto a atualizar sua formação, não deveria exercer o ministério em certas áreas pastorais.

1.8. Outras indicações

75. Cada circunscrição deve ter como prioridade pôr em prática um plano de formação permanente criativo, que responda às necessidades e capacidades concretas de todos os seus membros.

76. É urgente melhorar o acompanhamento na primeira fase da FP, isto é, a promoção de atividades formativas para frades que tenham completado de 5 a 10 anos de profissão perpétua.

77. *É um dever ordinário prioritário do serviço dos Ministros a promoção da formação permanente de todos os frades; criando um clima favorável na circunscrição e oferecendo a todos possibilidades concretas de formação permanente. Também o guardião tem uma missão especial em relação à formação permanente como animador da fraternidade.*

78. Cada circunscrição deve ter um frade ou grupo de frades, encarregados pela animação desta área, diversificando as atividades em função das distintas idades ou atividades pastorais: guardiães, formadores, responsáveis por atividades pastorais e sociais, ecônomos, etc.

79. Os organismos interprovinciais, internacionais e gerais da nossa Ordem devem colaborar na formação permanente dos frades, oferecendo atividades, cursos e capacitações que as circunscrições não podem realizar por si mesmas.

A INICIAÇÃO À NOSSA VIDA

80. A formação inicial põe as bases do desenvolvimento dinâmico da identidade da pessoa consagrada, que continua se consolidando durante toda a vida.

2. A etapa vocacional

81. O ícone evangélico do jovem rico (Mc 10,17-30) nos apresenta alguém que tem tudo, inclusive muitos medos que o impedem de viver em paz. De improviso, por detrás de uma pergunta, encontra-se com algo que, sem necessidade de se impor pela força, o seduz, o atrai, o cativa: o olhar de Jesus, que *o viu e o amou*. E o amor exige sempre liberdade, estar disposto a deixar tudo, a caminhar sem seguranças, a viver sem se apropriar de nada nem de ninguém, a reconhecer que tudo é dom gratuito. Quem livremente se atreve a seguir Jesus encontra, como o cego Bartimeu, a luz que dissipa os medos e dá sentido a todas as coisas.

82. Toda vocação é um dom do Espírito Santo para edificar a Igreja e servir o mundo. É tarefa da comunidade cristã suscitar, acolher e cultivar as vocações. Deve-se favorecer uma mentalidade que promova a responsabilidade de todos para criar uma fraterna cultura vocacional.

2.1. Natureza

83. *Deus, em sua bondade, chama todos os cristãos na Igreja à perfeição da caridade nos diversos estados de vida, a fim de que, mediante a santidade pessoal, se promova a salvação do mundo (Const. 16,1).*

84. *A solicitude pelas vocações nasce principalmente da convicção de vivermos nós mesmos e de propormos aos outros um gênero de vida rico em valores humanos e evangélicos, o qual ao mesmo tempo que presta um autêntico serviço a Deus e aos homens, favorece o desenvolvimento da pessoa (Const. 17,2).*

2.2. Objetivos

85. Criar espaços de discernimento que permitam tomar decisões vocacionais com autêntica liberdade humana e com responsabilidade pessoal a todos aqueles que estão interessados em nossa forma de vida.

86. Propor projetos de crescimento afetivo fundamentados no estilo relacional de Jesus, que desperta sempre o desejo do encontro com Deus, convidando a viver a partir da lógica da entrega da própria vida de forma gratuita.

87. Apresentar uma visão do mundo a partir das coordenadas da espiritualidade franciscana, ajudando a transformar, na vida diária, a paixão por Deus em paixão pelo mundo, e vice-versa.

2.3. As dimensões

88. **Dimensão carismática**

- Ajudar a escutar os desejos profundos do coração e o que motiva o interesse por nossa forma de vida. *A quem queres servir, ao servo ou ao Senhor?*
- Fazer da oração o espaço fundamental do discernimento vocacional: *Senhor, o que queres de mim?*
- Apresentar a vida capuchinha a partir de uma sólida eclesiologia e de uma adequada teologia da vida religiosa que valorize todas as vocações dentro do Povo de Deus.

89. **Dimensão espiritual**

- Oferecer a ajuda necessária para que o processo de discernimento vocacional seja consequência de uma escolha pessoal de fé.
- Incentivar a oração, a vida sacramental e a leitura diária da Palavra de Deus.
- Descobrir, através do olhar interior, um caminho de abertura à transcendência e de interconexão recíproca com as demais criaturas.

90. **Dimensão humana**

- Ser capaz de expressar um conhecimento de si mesmo adequado à própria idade.
- Desejar ser acompanhado no caminho do discernimento vocacional.
- Mostrar desejos de pertencer a um grupo e habilidades para estabelecer relações.

91. **Dimensão intelectual**

- Apresentar de modo sintético e organizado os princípios e fundamentos da experiência de vida cristã.
- Oferecer uma primeira aproximação crítica do Mistério de Cristo.
- Iniciar um primeiro contato com a vida de São Francisco e Santa Clara, apresentando, de modo simples, os valores do carisma franciscano.

92. **Dimensão missionária-pastoral**

- Se o candidato participa de alguma atividade pastoral, manter sua colaboração; caso contrário, valorizar a oportunidade de indicar-lhe alguma tarefa pastoral.
- Dar a conhecer, de forma geral, os serviços pastorais e apostólicos que se realizam na Ordem e, mais concretamente, na Província ou Custódia.
- Iniciar a leitura do Evangelho, privilegiando textos que apresentem, com maior clareza, a pedagogia pastoral de Jesus no anúncio do Reino de Deus.

2.4. Tempos

93. O tempo de discernimento prévio ao ingresso é variável, porém deve permitir tanto que o candidato conheça nossa proposta de vida como que os responsáveis pelo acompanhamento percebam nele sinais de consistência vocacional.

2.5. Critérios de discernimento

94. Os critérios que apresentamos em seguida se referem à totalidade da pessoa, compreendida a partir da ótica da fé:

- saúde física e psíquica
- maturidade adequada
- maturidade, de modo especial, nos campos afetivo e relacional
- idoneidade à convivência fraterna
- capacidade para conciliar idealismo e concretude
- flexibilidade em nível cognoscitivo e relacional
- disponibilidade à mudança
- confiança nos formadores
- adesão aos valores da fé

95. Socialmente, são considerados jovens as pessoas compreendidas entre 16 e 29 anos. A experiência no trabalho vocacional indica que, para além dos 35-40 anos, torna-se difícil adquirir os hábitos próprios, em especial a abertura, que requer a vida religiosa.

2.6. Outras indicações

96. Procure-se que o candidato conheça, mesmo em linhas gerais, nossa identidade específica dentro da Igreja, para evitar o ingresso de candidatos que queiram ser apenas sacerdotes, sem um específico interesse por nossa forma de vida.

97. Estabelecer orientações e critérios específicos para o acompanhamento de adolescentes, jovens ou adultos vocacionados, segundo as características da própria cultura e as possibilidades reais de acolhida. Os seminários menores e os centros de orientação vocacional existentes na Ordem, além das experiências de voluntariado, são uma boa oportunidade para fazer experiência de nossa vida.

98. Em cada fraternidade, deve haver um frade responsável pela pastoral juvenil e vocacional devidamente preparado para realizar o acompanhamento sistemático dos candidatos. Ao lado deste modo natural de promover as vocações, que compete a todos os frades, cada circunscrição deve ter um Secretariado de Animação Vocacional.

AS ETAPAS DA FORMAÇÃO INICIAL

3. O postulado

99. O ícone evangélico do batismo (Mc 1,9-11) nos apresenta Jesus como o Filho, em quem Deus se compraz. Nisto consiste o sacramento do batismo, em confirmar o desejo de ser filhos como o Filho, e desfrutar, como Jesus, de uma intimidade profunda com Deus Pai. Jesus, sendo Filho, fez-se nosso irmão, para que, sendo irmãos, aprendamos a ser filhos. Somente através da fraternidade, descobrimos que ninguém é escravo. Pedir na oração, ao único Pai no qual todos nos reconhecemos irmãos, o pão *nosso*, recorda-nos que o dom de ser filhos exige comunhão, solidariedade e proximidade profunda aos irmãos.

100. Durante o período do postulado, aprofunda-se a relação com Jesus Cristo e se adquire uma maior consciência do que implica seu seguimento, a partir dos valores carismáticos de nossa identidade, comprometendo-se em um processo de discernimento vocacional em nossa família religiosa.

3.1. Natureza

101. *Nesse período, o postulante conhece nossa vida e faz um ulterior e mais cuidadoso discernimento de sua vocação. A fraternidade, por sua vez, conhece melhor o postulante e certifica-se quanto ao desenvolvimento de sua maturidade humana, principalmente afetiva, e quanto à sua capacidade para discernir sua vida e os sinais dos tempos segundo o Evangelho (Const. 30,2).*

3.2. Objetivos

102. Ajudar o postulante a adquirir o autoconhecimento de si mesmo e a autonomia necessária que lhe permita integrar de forma madura a própria história e a realidade pessoal, com suas luzes e sombras.

103. Aprofundar a relação pessoal com Jesus Cristo, contemplando suas atitudes de amor à vida e de misericórdia e sua compaixão e bondade para com as pessoas.

104. Despertar o interesse pelas causas sociais relacionadas com a injustiça, a violência, a pobreza e a violação dos direitos humanos.

3.3. As dimensões

105. **A dimensão carismática**

- Francisco busca no silêncio e na beleza o sentido da vida, com a esperança de encontrar sempre algo maior que ele mesmo.
- Deixa-se guiar até São Damião, onde descobrirá que o segredo está em fazer-se pobre e pequeno, renunciando a qualquer tipo de poder.
- Somente arriscando a própria vida se pode ler, compreender e crer que o Evangelho contém todas as respostas.

106. **Dimensão espiritual**

- Fazer, com a ajuda do acompanhamento, uma narração autobiográfica em chave espiritual da própria história, para tomar consciência da chamada de Deus através dos acontecimentos do mundo.
- Introduzir progressivamente as práticas que sustentam a nossa vida espiritual: a eucaristia, a reconciliação e a contemplação.
- Iniciar aos diversos métodos de oração contemplativa e da oração da Liturgia das Horas.

107. **Dimensão humana**

- Aprender a compreender e a administrar as próprias emoções, prestando uma especial atenção aos aspectos afetivos.

- Cuidar de si mesmo, a partir do ponto de vista físico e psicológico, de modo que se possa configurar uma sã autoestima.
- Oferecer os elementos para a elaboração do *Projeto Pessoal de Vida*, tomando como ponto de partida a própria biografia, que irá se atualizando processualmente com as avaliações sucessivas.

108. **A dimensão intelectual**

- Apresentar os princípios fundamentais do Catecismo da Igreja Católica.
- Conhecer a pessoa de Jesus mediante o estudo sistemático do Evangelho.
- Estudar e ler alguma das obras hagiográficas clássicas e modernas de São Francisco e Santa Clara, junto com os princípios da espiritualidade franciscana.

109. **Dimensão missionária-pastoral**

- Oferecer, através do acompanhamento, critérios para atuar na vida a partir de uma dimensão de fé.
- Possibilitar, sempre a partir da fraternidade, uma primeira experiência de trabalho apostólico e de serviço aos pobres.
- Estimular a sensibilidade missionária e o sentido da pastoral social e da justiça, atentos para aprender a ler os sinais dos tempos.

3.4. Tempo

110. O tempo de amadurecimento é variável, segundo as necessidades dos candidatos. Nos últimos anos, devido às mudanças socioculturais, eclesiais e familiares, existe uma tendência a prolongar o tempo do postulado, com o desejo de facilitar o discernimento e permitir um maior amadurecimento humano e cristão. Nossa legislação estabelece o mínimo de um ano, mas, na maioria das áreas geográficas da Ordem, estende-se por dois anos.

111. A partir do momento no qual um candidato é recebido em uma fraternidade para começar o itinerário de iniciação à nossa vida, e não apenas para um tempo de convivência, converte-se em postulante, mesmo que, em determinadas circunscrições, deem-se diferentes nomes a cada um dos anos que antecedem o noviciado.

3.5. Temas prioritários de formação

112. **O trabalho.** Durante o tempo do postulado, é importante mudar as possíveis concepções negativas do trabalho, ajudando os irmãos em formação a descobri-lo como graça e oportunidade que nos põe em relação e nos ajuda a compartilhar as dificuldades e os sonhos do povo. Deve-se incentivar a disponibilidade para realizar trabalhos simples e domésticos que fortaleçam o sentimento de pertença à fraternidade local e à circunscrição.

113. **A economia.** Desde o início, os postulantes devem ser introduzidos nos princípios da espiritualidade franciscana que iluminam a práxis econômica; o princípio da gratuidade e a lógica do dom; *não se pode servir a Deus e ao dinheiro*. A proposta de vida capuchinha se baseia precisamente na busca do fundamental, e exige abandonar a cultura do consumo e da exclusão.

114. **Justiça, paz e ecologia.** Deus nos confia o cuidado da casa comum. Quem escolhe nossa forma de vida se compromete, entre outras coisas, a salvaguardar o meio ambiente e a colaborar de forma criativa na solução dos problemas que atingem o planeta. É o momento de despertar a necessidade de encontrar as causas sociais relacionadas com a injustiça, a violência, a pobreza e demais violações dos direitos humanos, alimentado a esperança em um mundo melhor.

115. **Meios de comunicação e novas tecnologias.** *O mundo digital e as novas mídias* criaram uma cultura que oferece múltiplas oportunidades de acesso à informação e à construção de relações à distância, mas também apresentam riscos como o cyberbullying, os jogos de azar, a pornografia, as insídias das *salas de bate-papo*, a manipulação ideológica, etc. É conveniente capacitar os candidatos para um uso consciente, seguro e útil dos meios digitais, tendo como ponto de partida o próprio contexto cultural e as políticas de uso seguro dos meios de comunicação. É mais que oportuno que os postulantes não administrem suas contas nas redes sociais à margem da fraternidade.

3.6. Critérios de discernimento

116. Leve-se em conta os seguintes critérios para avaliar a idoneidade:

- equilíbrio psicofísico (possível exame médico e avaliação psicológica)
- ausência de evidentes condicionamentos
- capacidade de iniciativa e corresponsabilidade
- reto uso da liberdade e do tempo
- disposição para o serviço e o trabalho
- capacidade de escolha livre e responsável
- conhecimento e vivência da fé cristã
- clareza suficiente de intenções e motivações
- acolhida da mediação dos formadores
- aptidão para viver em comunidade
- disponibilidade para seguir Cristo em pobreza, obediência e castidade

3.7. Outras indicações

117. É preferível que, durante o tempo de postulado, não se realizem estudos acadêmicos, justamente para dar prioridade a outros estudos, cursos ou ofícios que estejam em sintonia com os objetivos desta etapa.

118. O lugar deve favorecer a integração na fraternidade, o recolhimento e a meditação; que seja simples, possibilite trabalhos manuais e o contato com os pobres. É importante que *o candidato não seja tirado de seu contexto cultural*.

119. Aconselha-se que os postulantes vivam na mesma fraternidade e com o mesmo mestre, para que o acompanhamento personalizado resulte mais profundo e eficaz.

120. Com o postulado, iniciam-se o caminho de agregação à Ordem e os primeiros passos à pertença. É o momento de clarificar outras possíveis pertenças: família, grupos de amigos, movimentos eclesiais, partidos políticos, tribos, raças, etc., para dar espaço à nova identidade evangélica adquirida em nossa família capuchinha.

121. Ao término do postulado, propõe-se um encontro entre o mestre de postulantes e o de noviços, no qual se apresentará um relatório detalhado de cada um dos formandos, levando em conta, especialmente, as cinco dimensões.

4. O noviciado

122. O ícone evangélico de Betânia (Lc 10,38-42) nos apresenta uma casa de portas abertas. Aí, aprende-se a escutar como Maria e a servir como Marta. Não são coisas diversas. O fruto da escuta é sempre o serviço, e não há serviço que não nasça da escuta. Trata-se de um longo caminho de aprendizagem, no qual Cristo, o Mestre, continua nos convidando a escutar sua Palavra viva no evangelho, e a servi-lo nos irmãos, de modo especial, nos necessitados. *Felizes são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática* (Lc 11,28).

4.1. Natureza

123. *O noviciado é um período de mais intensa iniciação e de experiência mais profunda da vida evangélica franciscano-capuchinha em suas exigências fundamentais; isso requer uma decisão firme e madura de provar nossa forma de vida religiosa* (Const. 31,1).

4.2. Objetivos

124. Rer a própria história em chave de graça e como lugar de salvação, a partir da gratuidade do amor e da compaixão de Deus.

125. Reforçar a convicção, cada vez mais clara, da centralidade de Cristo na própria vida, buscando encarnar seus sentimentos e atitudes, contemplando o mistério de sua divina humanidade.

126. Aprofundar as consequências do seguimento de Cristo, opondo-se voluntariamente a um mundo consumista que gera sempre mais exclusão; educar-se no diálogo comunitário para acolher a diversidade como riqueza e integrar as diferentes maneiras de ver, pensar e atuar dos demais.

4.3. As dimensões

127. A dimensão carismática

- A fraternidade não é uma teoria. Só se aprende a ser irmão entre os irmãos.
- Descobrir que ser frade menor capuchinho é nosso modo peculiar de ser Igreja: construindo espaços de acolhida, de encontro e de ternura.
- Conservar e transmitir com fidelidade criativa os valores carismáticos que recebemos: fazer da fraternidade o espaço no qual experimentamos a beleza de pertencer a Cristo.

128. **Dimensão espiritual**

- Assumir como própria a vida espiritual da tradição capuchinha, centralizada na liturgia e, especialmente, na oração mental, com a ajuda da *lectio divina* e das sãs devoções da Ordem.
- Adquirir o hábito do silêncio interior e da contemplação, a fim de consolidar a consagração a Deus através de um contínuo processo de purificação das motivações vocacionais.
- Aprofundar a dimensão teológica dos votos através da contemplação da pessoa de Jesus Cristo, pobre, obediente e casto, buscando sempre uma profunda conformação com Ele.

129. **Dimensão humana**

- Relacionar-se com os irmãos, aprendendo a compartilhar mais profundamente a própria história pessoal.
- Integrar o desenvolvimento sexual no caminho vocacional, aprendendo a estabelecer relações sadias, maduras e de plena doação.
- Exercitar-se no discernimento pessoal e comunitário como meio para se sintonizar com a vontade de Deus, tanto nos momentos importantes como nas circunstâncias ordinárias da vida.

130. **A dimensão intelectual**

- Complementar o estudo do catecismo com a teologia da vida religiosa e os valores próprios de nossa vida.
- Apresentar uma introdução geral e sistemática da Bíblia e da Liturgia.
- Estudar a fundo os conteúdos e espiritualidade da Regra, o Testamento, as Constituições dos Frades Menores Capuchinhos, os Conselhos Plenários e de outros documentos da Ordem.

131. **Dimensão missionária-pastoral**

- Descobrir em nossa missão carismática uma via para colaborar na construção de um mundo mais evangélico e fraterno.
- Programar encontros com aqueles frades mais significativos da circunscrição que encarnam em sua vida a missão de Jesus, a partir de nossa perspectiva carismática.
- Acompanhar algumas atividades de serviço entre os pobres e necessitados, que garantam uma experiência autêntica de nosso carisma capuchinho.

4.4. Tempo

132. O Código de Direito Canônico (CIC) estabelece que o tempo de duração, para que o noviciado seja válido, seja de doze meses, transcorridos sem interrupções, na casa do noviciado, e jamais superior a dois anos. A ausência que superar quinze dias deve ser suprida, e a superior a três meses o invalida.

4.5. Temas prioritários de formação

133. **O trabalho.** A experiência do trabalho manual é um de nossos valores carismáticos e faz parte de nossa espiritualidade. Deus põe em nossas mãos a obra da criação, convidando-nos a cuidar dela e a completá-la. Ao mesmo tempo, o trabalho nos faz sentir, por meio da opção voluntária pela pobreza, o forte vínculo de interdependência entre nós.

134. **A economia.** A partir do noviciado, vivendo uma vida sóbria, colocamos tudo em comum, fazendo um uso evangélico dos bens: tudo o que é recebido é da fraternidade. A partir deste momento, deve-se formar para um desapego do dinheiro e dos bens materiais, recordando que, para entrar no Reino dos céus, é necessário fazer-se pobre.

135. **Justiça, paz e ecologia.** Também durante o noviciado, deve-se tomar consciência da realidade do mundo em que vivemos e as consequências do seguimento radical de Cristo. Temas como os direitos humanos, as mudanças climáticas, o tráfico de pessoas, exigem uma resposta mística, profética e solidária por parte de quem anuncia e testemunha com sua vida o Evangelho do Reino.

136. **Meios de comunicação e novas tecnologias.** O tempo do noviciado exige uma especial distância de algumas realidades, em vista de criar um ambiente de reflexão que ajude o amadurecimento das próprias decisões. Recomenda-se o uso comunitário dos telefones celulares e dos computadores, que deveriam estar em uma sala comum. Uma vida de frades menores centralizada no essencial nos protege da escravidão de estarmos sujeitos à moda da última geração e apegados às novidades tecnológicas.

4.6. Critérios de discernimento

137. Oferecemos alguns critérios de discernimento que nos ajudam a verificar a idoneidade do noviço para a primeira profissão:

- Adequado nível de maturidade humana e afetiva e capacidade de ter boas relações interpessoais
- Espírito de iniciativa e participação ativa e responsável na própria formação
- Capacidade de aceitar as diferenças nos outros e de viver em fraternidade
- Evidente responsabilidade para corresponder à graça do trabalho
- Capacidade de questionar-se e de avaliar-se à luz da palavra de Deus
- Capacidade de levar uma vida de oração e contemplação
- Flexibilidade e diálogo com os formadores
- Sentido de pertença à fraternidade e à Ordem
- Capacidade de servir aos últimos e aos marginados da sociedade
- Compreensão dos votos e sérios desejos de vivê-los com alegria e serenidade
- Conhecimento suficiente dos conteúdos da formação, especialmente do carisma franciscano-capuchinho e da Sagrada Escritura

4.7. Outras indicações

138. O ideal do grupo de noviços é de pelo menos 4 e não mais de 10.

139. Ao término do noviciado, deve haver um encontro entre o mestre de noviços e o de pós-noviciado, para que possa ser transmitida a situação de cada irmão em relação às metas alcançadas e os principais desafios que deverá encarar no pós-noviciado.

5. O pós-noviciado

140. O ícone evangélico de Jesus na Cruz (Jo 19,30) nos ajuda a compreender que, no caminho da vida, nada permanece em nossas mãos. Absolutamente nada. Recebemos tudo de graça. A cruz é símbolo do amor feito dom e entrega. Somente quem se esvazia totalmente de si mesmo pode, como Deus, amar até o extremo. Pois somente quem entregou tudo, já não tem nada a perder. As mãos e o coração se enchem de pobreza, liberdade e gratuidade. O mistério da cruz é a escola de nossa consagração, pois *o grão de trigo, quando cai e morre, produz muito fruto* (Jo 12,24).

141. A Igreja instituiu um tempo de consolidação da opção após o noviciado, no qual o frade de votos temporários continua seu processo de iniciação, em meio a novas realidades e desafios, verificando os valores já interiorizados e tomando consciência, com o auxílio da fraternidade, do caminho que deve ainda percorrer.

5.1. Natureza

142. *O pós-noviciado, que começa com a profissão temporária e termina com a profissão perpétua, é a terceira etapa da iniciação. Nesse período, os frades caminham para uma maior maturidade e se preparam para a escolha definitiva da vida evangélica em nossa Ordem* (Const. 32,1).

143. *O itinerário formativo do pós-noviciado deve ser o mesmo para todos os frades em razão de sua essencial relação com a consagração religiosa e a profissão perpétua. E como, em nossa vocação, a vida evangélica fraterna ocupa o primeiro lugar, também durante esse período deve ser-lhe dada prioridade* (Const. 32,2).

5.2. Objetivos

144. Promover a responsabilidade pessoal em todas as dimensões da existência. A consagração religiosa adquire um profundo significado de liberdade na entrega generosa e desinteressada da própria vida pelo Reino.

145. Consolidar um estilo relacional afetivo baseado na comunicação, no reconhecimento recíproco, na transparência nas relações e na participação na tomada de decisões em tudo o que afeta a fraternidade.

146. Testemunhar a solidariedade, a justiça e a verdade a partir da experiência da bondade de Deus ao lado dos que sofrem, e comprometendo nossa vida com os valores da liberdade, da igualdade e da participação.

5.3. As dimensões

147. **Dimensão carismática**

- Tomar consciência de que o seguimento não é isento de dificuldades. A cruz é nosso horizonte comum: amar como Ele nos ama, com liberdade e gratuidade.
- Construir uma identidade sem fissuras, trazendo em nós as marcas de Jesus, sendo e agindo como Ele.
- Atrever-se a interpretar toda a realidade a partir do mistério da cruz, onde o amor se concretiza na desapropriação, na entrega e na liberdade.

148. **Dimensão espiritual**

- Consolidar, por meio do aprofundamento da Sagrada Escritura e da celebração da liturgia, a centralidade da consagração da própria vida.
- Tornar a oração mais vital, como consciência da presença de Deus e da ação constante do Espírito na própria realidade e na da fraternidade.
- Viver, em uma sadia tensão realista e espiritual, o equilíbrio entre ação e contemplação na vida cotidiana.

149. **Dimensão humana**

- Criar estruturas afetivas que, através da escuta e da comunicação profundas, favoreçam a interdependência e ajudem a superar as tendências individualistas, reconhecendo-se como dom precioso à fraternidade.
- Integrar harmonicamente, a partir do acompanhamento e do sério confronto, as necessidades espirituais, físicas, intelectuais e afetivas.
- Aprender a programar o tempo em um sã equilíbrio entre o serviço e as necessidades pessoais e comunitárias.

150. **A dimensão intelectual**

- Refletir criticamente e adquirir a capacidade de valorizar, discernir e projetar o futuro.
- Aprofundar o estudo da Sagrada Escritura, teologia, liturgia, história e espiritualidade da Ordem, proporcionando a todos os frades, independentemente da opção clerical ou laical, as bases suficientes para poder fundamentar a própria vida de consagrados e servir à Igreja.
- Ter um conhecimento suficiente da história da Ordem e da própria Província ou Custódia.

151. **Dimensão missionária-pastoral**

- Aprender a comunicar, refletir e avaliar em fraternidade o quanto vivido nas experiências pastorais, a fim de fortalecer a própria identidade carismática.
- Realizar, de maneira mais prolongada, experiências de missão em situações de fronteira, que permitam viver mais intensamente o ideal franciscano-capuchinho.
- Programar as atividades pastorais em fraternidade, buscando o equilíbrio entre a ação, a vida espiritual, as exigências da vida fraterna e do estudo.

5.4. Tempos

152. O pós-noviciado tem uma duração mínima de três anos, podendo-se estender por até seis. Se o frade ou os responsáveis pela formação considerarem oportuno, e de maneira excepcional, pode-se prorrogar até nove anos.

153. Integrar e consolidar nossos valores carismáticos exigem um caminho paciente, lento e progressivo. Isso implica romper com a ideia de tempos preestabelecidos e iguais para todos ou para grupos compactos que devam emitir juntos a profissão. Impõem-se aqui os princípios da personalização.

5.5. Temas prioritários de formação

154. **O trabalho.** O pós-noviciado é tempo oportuno para conhecer e fazer experiência das distintas formas de trabalho possíveis na Ordem. A ferramenta do discernimento é fundamental para tomar consciência, dos dons e capacidades de cada um dos frades em formação, e das necessidades da instituição que não podem ser esquecidas. O critério último de discernimento não pode ser nem a autorrealização do indivíduo, nem as urgências institucionais.

155. **A economia.** Nesta etapa, devem-se consolidar os critérios para o uso transparente, solidário e ético de nossos recursos econômicos. É tempo de experimentar que o trabalho é a nossa principal fonte de sustento, vivendo a solidariedade entre nós e com os pobres, o consumo responsável, uma justiça que promova a transformação social e uma administração sensível aos valores sociais e ecológicos. Deve-se envolver os frades aos no processo de planejamento, gestão e avaliação do orçamento da fraternidade.

156. **Justiça paz e ecologia.** A experiência de sentir-se seduzido por Cristo leva o pós-noviço a abraçar a causa do Reino em favor dos mais pobres e vulneráveis da sociedade, tal como o fez Jesus. A partir de um estilo de vida simples, sóbrio e solidário, deve-se exercitar no diálogo, no respeito e na valorização da diversidade, como via para colaborar e construir a paz no mundo.

157. **Meios de comunicação e novas tecnologias.** Conscientes dos desafios culturais que provocam o desenvolvimento do mundo digital e das inovações tecnológicas, nesta etapa deve-se fomentar o sentido crítico e positivo frente às informações e conteúdos dos Meios de Comunicação Social, especialmente a internet. Para favorecer um adequado uso dos Meios, é conveniente organizar cursos e seminários específicos que abordem questões de segurança, elaboração de diretrizes normativas nos diversos contextos culturais e as possibilidades de criar e gerir recursos pastorais e de evangelização através das novas tecnologias.

5.6. Critérios de discernimento

158. Na avaliação da idoneidade do frade para a profissão perpétua, alguns dos critérios que devem ser levados em conta são:

- Maturidade afetiva
- Sinais manifestos de uma adequada relação pessoal com Deus na oração

- Iniciativa pessoal e responsabilidade pela própria vida religiosa
- Capacidade de viver e trabalhar em fraternidade
- Capacidade de orientar-se ao serviço dos demais, especialmente dos mais pobres
- Sentido de justiça, paz e respeito à criação
- Capacidade de assumir um compromisso definitivo e de viver os conselhos evangélicos
- Suficiente liberdade interior e prática da pobreza
- Sentido de pertença à fraternidade, à Ordem e à Igreja

5.7. Outras indicações

159. Convém que os três primeiros anos do pós-noviciado sejam vividos em uma mesma fraternidade e com um mesmo mestre, para favorecer o acompanhamento e a efetiva consolidação de nossa vida.

160. Evitar fraternidades formativas massificadas que, geralmente, impedem um verdadeiro acompanhamento personalizado. Para consolidar os valores de nossa vida, são necessárias experiências reais de fraternidade, que fortaleçam a identidade e o sentido de pertença.

161. Com a profissão perpétua, culmina o processo de iniciação à nossa vida. O desejo sereno e profundo de sentir-se frade menor capuchinho deve durar toda a vida. O frade, chegado a este ponto, deve estar disposto a continuar crescendo, convencido de que a formação jamais termina. Por sua parte, a fraternidade experimenta que o irmão é um presente de Deus para nossa Ordem.

162. **Conclusão.** Maria, Mãe e Mestra, em cada uma das etapas de sua existência, soube acolher a Palavra, meditá-la, conservá-la e pô-la em prática. Foi a primeira discípula a percorrer o *Caminho*, propondo-nos escutar sempre o Mestre, viver em chave de fé e transformar o amor em serviço. O Todo-poderoso continua realizando grandes obras em cada um de nós. Também hoje, na escola de Nazaré, continuamos aprendendo a viver em fraternidade, com alegria e simplicidade, para sermos testemunhas incansáveis da ternura e da presença de Deus em nosso mundo.